

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Angel Ana Lúcia da Silva Martins

**OS PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA MONTESSORIANA NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA GIRASSOL**

Porto Alegre

1. Semestre

2018

Angel Ana Lúcia da Silva Martins

**Os Princípios da Pedagogia Montessoriana nas Práticas Pedagógicas da
Educação Infantil na Escola Girassol**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Santos de Albuquerque.

Porto Alegre

1. Semestre

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua infinita bondade que me alcança todos os dias.

Ao meu pai, Ronaldo, que sempre me apoiou e incentivou a acreditar na educação.

A minha mãe, Ana, que nunca mediu esforços para me ajudar.

A minha tia, Simone, que é a minha segunda mãe e sempre me auxiliou e amou.

Aos meus amigos, que sempre estiveram presentes no decorrer da minha caminhada.

A minha amiga Lira, que esteve ao meu lado durante a faculdade.

A Ana Carolina Eichler, que foi maravilhosa durante estes últimos dois semestres.

Ao meu namorado, Henrique, que esteve ao meu lado me ajudando neste último ano da faculdade, sempre com muita paciência.

As minhas colegas de trabalho e a minha coordenadora pedagógica, que me auxiliaram ao longo da minha formação docente.

À Escola Girassol, que permitiu a realização da pesquisa.

A todos os professores que tive a honra de conhecer durante a minha formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A minha orientadora, Simone, sempre muito delicada, cuidadosa, doce e atenta ao nosso trabalho.

Às professoras que aceitaram fazer parte da banca do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Às crianças que observei, pois foram essenciais para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo versa sobre as contribuições dos princípios do Método Montessoriano na Educação Infantil da Escola Girassol, visando objetivar como pontos de análise o ambiente/espço, os materiais e a ação da professora. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com estudo de caso detalhado, em que foram efetuadas 20 horas de observação em duas turmas da Educação Infantil: Jardim A e Maternal I, sendo 4 horas efetuadas em cinco dias: três dias no Jardim A e dois dias no Maternal I. Além disso, foram entrevistadas a professora referência do Maternal I e a coordenadora da Educação Infantil.

Por fim, a partir desta pesquisa, busco trazer reflexões sobre o Método Montessoriano e reafirmar algumas de suas contribuições para a Educação Infantil. Considerando que a partir das análises, foi possível pensar sobre os princípios que regem a Escola Girassol, como o espaço e o ambiente arquitetado no método em questão, e também trazer reflexões significativas referentes aos princípios Montessorianos que norteiam a Escola Girassol, como a interação e o brincar a partir da DCNEI (2009).

Palavras chaves: Maria Montessori. Método Montessori. Educação Infantil. Espaço. Ambiente. Ação do professor. Princípios Montessorianos.

SUMÁRIO

1	APRESENTANDO O ESTUDO	7
2	COMO CHEGUEI ATÉ AQUI	8
2.1	REALIZANDO A PESQUISA POR MEIO DE ENTREVISTAS E DO DIÁRIO DE CAMPO: obstáculos para chegar até a Pedagogia Montessoriana	9
3	MARIA MONTESSORI: vida e princípios de sua Pedagogia	13
3.1	A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO E DO AMBIENTE PARA A PEDAGOGIA MONTESSORIANA	15
3.2	O TEMPO E A SUA ORGANIZAÇÃO.....	20
3.3	A CONTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS MONTESSORIANOS PARA A ESTRUTURAÇÃO DOS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS.....	22
3.4	OS MATERIAIS MONTESSORIANOS NA SALA REFERÊNCIA	23
3.5	A AÇÃO DA PROFESSORA MONTESSORIANA	25
4	ANÁLISES.....	28
4.1	“ELE QUE VAI ESCOLHER COM O QUE ELE VAI TRABALHAR, SE É NO TAPETE OU SE É NO CADERNO” — APRESENTANDO OS EIXOS DE ANÁLISE.....	28
4.2	MONTESSORI E ALGUNS PRINCÍPIOS PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA GIRASSOL.....	29
4.3	O AMBIENTE FALA POR SI.....	33
4.4	“PROF. ^a , COMO SE TRABALHA COM ESTE MATERIAL?” — DOS MATERIAIS MONTESSORIANOS E O PAPEL DA PROFESSORA NA ESCOLA GIRASSOL Á AÇÃO DA PROFESSORA MONTESSORIANA ..	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	52
	ANEXOS.....	54
	ANEXO A – Imagens dos materiais.....	54

1. APRESENTANDO O ESTUDO

Este trabalho é produto de um estudo realizado a partir de minha inquietação sobre quais as contribuições dos princípios do Método Montessoriano na Escola Girassol. O estudo foi desenvolvido no último semestre do curso de Pedagogia na UFRGS e teve como objetivo apresentar a importância e as contribuições de Maria Montessori para a construção de ambientes educacionais na Educação Infantil.

Inicialmente, trago em meu trabalho a contextualização da fundadora deste método, a italiana Maria Montessori, que, no final do século XIX e início do século XX, deu início à sua pedagogia científica. Apresento, também, referenciais que fundamentam os princípios Montessorianos e, em seguida, a metodologia que norteou este estudo.

O referido trabalho teve como eixos de análise o espaço/ambiente escolar, a oferta de materiais e a ação pedagógica do professor. As análises tiveram como referenciais teóricos Maristela Angotti (1994), Maria da Graça Horn (2004), Magali Moraes (2009), Rinaldi (2017), Maria Montessori (1965, 1949, 1971), Maria Carmem Silveira Barbosa (2006), Zabalza (1998), Forneiro (1998), entre outros autores citados ao longo do trabalho, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2009).

Por fim, apresento as considerações finais, destacando a importância da metodologia Montessoriana para a Educação Infantil e os princípios encontrados na Escola Girassol no decorrer da pesquisa referida. Concluo refletindo sobre a importância do brincar e da interação na Educação Infantil, assim como os eixos apresentados nas DCNEI (2009).

Acredito que este trabalho pode contribuir com as práticas cotidianas das escolas de Educação Infantil, bem como com o dia a dia de professores que seguem os princípios Montessorianos.

2. COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Iniciei a minha escolha pelo curso de pedagogia com 17 anos, quando estava concluindo o ensino médio regular. Tinha a certeza de que deveria ingressar em um curso que me oportunizasse ajudar ao próximo. Tendo isso em mente, quando prestei vestibular, decidi como primeira opção o curso de Pedagogia, na UFRGS, e, como segunda opção, o curso de Psicologia, em outras Instituições de Ensino Superior da cidade de Porto Alegre/RS. Obtive a aprovação no vestibular em 2014 e iniciei o curso de Pedagogia no segundo semestre deste mesmo ano.

Ao ingressar na UFRGS, realizei, nesta instituição, estágio administrativo remunerado até o terceiro semestre do Curso de Pedagogia, quando senti a necessidade de vivenciar experiências na área da educação. Com isso, iniciei estágio não obrigatório em uma escola de Educação Infantil, a qual tinha como proposta principal realizar projetos que visassem a uma alimentação saudável para crianças de 0–6 anos. Após essa experiência de um ano, iniciei a minha prática em uma escola de Educação Básica com princípios Montessorianos. A minha entrada nesta instituição ocorreu em fevereiro de 2016, quando comecei a lecionar como professora-auxiliar de uma turma de Jardim A, com crianças de 4–5 anos.

A partir da minha ingressão em uma escola com proposta pedagógica baseada na Educação Montessoriana, percebi que tinha pouco estudado sobre a educadora Maria Montessori e o seu método de ensino durante os três anos do Curso de Pedagogia. Portanto, dei início aos estudos sobre a pedagogia Montessoriana, influenciada pela coordenadora pedagógica desta escola e pela vivência nos espaços Montessorianos voltados à Educação Infantil.

Adquiri conhecimentos sobre o assunto por meio dos estudos realizados e de reuniões mensais na escola, com ênfase na postura da educadora Montessoriana e nas suas vivências em sala de aula. Pude ter contato direto com os materiais didáticos Montessorianos e com a forma de trabalho desta didática na Educação Infantil.

A partir destas experiências iniciais como professora e com o despertar de um olhar investigativo, busquei por meio deste trabalho de pesquisa responder algumas questões sobre a metodologia Montessoriana na Educação Infantil, tendo como foco principal a contribuição dos princípios da Pedagogia Montessoriana para as práticas pedagógicas na Educação Infantil da Escola Girassol.

2.1 REALIZANDO A PESQUISA POR MEIO DE ENTREVISTAS E DO DIÁRIO DE CAMPO: obstáculos para chegar até a Pedagogia Montessoriana

O presente estudo classifica-se como pesquisa com abordagem qualitativa, realizada em formato de estudo de caso detalhado.

[...] os métodos qualitativos de pesquisa não têm qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Assim sendo, eles permitem a observação de vários elementos simultaneamente em um pequeno grupo. Essa abordagem é capaz de propiciar um conhecimento aprofundado de um evento, possibilitando a explicação de comportamentos. (VICTORIA; KANAUTH; HASSEN, 2000, p.37).

A escolha da pesquisa qualitativa deu-se exatamente por esta permitir a observação das práticas pedagógicas Montessorianas, com enfoque nos princípios que permeiam a Educação Infantil da Escola Girassol. Sendo possível, por meio desta perspectiva, abordar os instrumentos necessários para uma pesquisa efetiva.

Foi realizado um levantamento prévio sobre as escolas que seguem o método de ensino Montessoriano na cidade de Porto Alegre. Cinco escolas foram escolhidas e contatadas, mas apenas a Escola Girassol aceitou a realização desta pesquisa em seu ambiente escolar. Salienta-se que, por se tratar de uma instituição privada, a aceitação para realização das observações e entrevistas não ocorreu de forma imediata.

Por conta dos fatores apresentados, a escola exigiu o total sigilo das informações prestadas no decorrer das atividades realizadas. Por esse motivo, o cuidado com a restrição da instituição colaboradora, foi necessário criar um nome fictício para a instituição, escolhido com o auxílio dos alunos de uma das turmas observadas: Escola de Educação Infantil Girassol¹.

Seguindo esta linha, busquei por meio desta pesquisa conhecer e analisar os princípios pedagógicos Montessorianos desenvolvidos na Escola Girassol, realizando 20 horas de observações em duas turmas de níveis diferentes: Maternal I, com alunos de 2–3 anos (16 crianças, sendo 14 meninos e 2 meninas), e Jardim A, com alunos de 4–5 anos (19 crianças, 10 meninas e 9 meninos).

A escolha destes níveis de ensino foi realizada com auxílio da coordenadora pedagógica da Educação Infantil da Escola Girassol, a partir das turmas disponibilizadas pelas professoras para as observações. Assim sendo, tive como eixos orientadores das observações e das análises da pesquisa o espaço e o ambiente escolares, os materiais e a ação pedagógica das professoras, focando integralmente nos princípios Montessorianos utilizados na Escola Girassol.

Durantes este processo de pesquisa, tive como instrumento de investigação as observações, pois, segundo Victoria; Kanauth; Hassen (2000, p.62), “[...] a observação na pesquisa qualitativa não é uma observação comum, mas voltada para a descrição de uma problemática previamente definida [...]”.

Dessa forma, esta pesquisa se constituiu a partir de observações participantes, pois, como afirma Marli André (1995, p.28), “a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. No decorrer das observações, foi de suma importância interagir com os alunos, pois estes questionavam a minha presença em sala de aula.

Conjuntamente a isso, utilizei o Diário de Campo para registrar os aspectos observados. Conforme Victoria; Kanauth; Hassen (2000, p.73), “é chamado de diário de campo o instrumento mais básico de registro de dados do pesquisador”. Então, foram utilizados um caderno para anotar todas as questões observadas e o registro eletrônico no *Google Drive*.

Para um esclarecimento maior sobre os conceitos de entrevista na metodologia qualitativa, foram necessários estudos mais aprofundados sobre o assunto.

As entrevistas na pesquisa qualitativa podem ser de vários tipos, constituindo um espectro que vai desde uma conversa informal até um questionário padronizado. O grau de formalidade deve ser definido conforme os objetivos da pesquisa, dependendo do tema a ser tratado e, principalmente, tendo em vista o que é apropriado culturalmente para o grupo pesquisado, sendo que uma mesma pesquisa pode conter vários tipos de entrevista. (VICTORIA; KANAUTH; HASSEN, 2000, p.64).

Victoria; Kanauth; Hassen (2000, p.64) também destacam a importância de ter os objetivos bem definidos durante as observações, para que a coleta de dados se dê forma efetiva. Então, a partir das observações foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os focos de pesquisa, organizados a partir de um roteiro orientador, visando também que os envolvidos tivessem liberdade para guiar a entrevista a partir da temática de estudo, sem distanciar-se dos objetivos da pesquisa.

Dessa forma, a coleta de dados teve como principal foco analisar as contribuições da metodologia Montessoriana na instituição em questão.

Como fonte de coleta de dados, também foram utilizadas duas entrevistas realizadas com a professora regente da turma de Maternal I e a coordenadora pedagógica da instituição, no turno da manhã, após as observações em sala de aula. A primeira entrevistada (professora), Pedagoga e Psicopedagoga, atua há mais de 19 anos na escola, motivo pelo qual foi escolhida para a entrevista. No turno da manhã, é professora titular de uma turma de Maternal I e no turno da tarde realiza substituições.

A segunda entrevistada cursou magistério e atua há 26 anos na escola observada. Foi escolhida para participar da entrevista por realizar diversos cursos de educação continuada, focando na Educação Montessoriana, e por coordenar a Educação Infantil da instituição, capacitando e potencializando a formação das professoras no que se refere aos princípios da Pedagogia Montessoriana. Esta professora também atuou como professora titular ao iniciar nesta instituição.

Ao iniciar as entrevistas, o Termo de Consentimento foi lido novamente por ambas as partes, momento em que foram destacados a liberdade das participantes e o sigilo dos dados coletados. Inicialmente, expliquei que seria realizada uma entrevista semiestruturada e que ambas as participantes poderiam e deveriam ficar à vontade. Isso foi ressaltado para que as entrevistadas pudessem responder às perguntas com calma, visto que ao longo das entrevistas a postura e a forma como as questões são respondidas são importantes e implicadas na análise dos dados.

A primeira entrevista, registrada por um aparelho de gravador, foi realizada com a professora e ocorreu em uma sala de aula não utilizada no turno da manhã. Este local foi escolhido em função do silêncio e da privacidade proporcionados. Já a entrevista realizada com a coordenadora da escola ocorreu em sua sala, local silencioso, visto que a entrevista ocorreu após o recreio.

Após estas práticas, os dados coletados nas observações e nas entrevistas foram analisados a partir das leituras e dos estudos realizados em relação ao método de ensino Montessoriano e a vida da educadora Maria Montessori, tendo como referência as discussões atuais sobre o Currículo da Educação Infantil e de autores referência na área da educação.

Para análise dos dados foram priorizadas algumas questões específicas do Currículo da Educação Infantil, como o espaço e o ambiente, os materiais e a ação pedagógica das professoras.

3. MARIA MONTESSORI: vida e princípios de sua Pedagogia

Maria Montessori nasceu na Itália em 1870. Neste período, a Itália estava passando por um período de unificação, em que ao norte do país havia um sistema capitalista e ao sul, um sistema semifeudal marcado por miséria e criminalidade (ANGOTTI, 2007, p.95). Conforme Angotti (2007, p.96), após a unificação da Itália, o governo de esquerda veio a cair. Com isso, ao passar do tempo, ocorreu diversas mudanças na educação italiana.

Reformas escolares mais incisivas ocorreram apenas no fim do século e nos primeiros anos dos novecentos: 1896, o ministro Gianturco instituiu a escola complementar feminina, trienal, pós-elementar; em 1904, a Lei Orlando fazia voltar o curso elementar a quatro anos, juntando a 5ª e a 6ª classes, e a obrigatoriedade aumentada para os 12 anos; em 1911, a Lei Dàneo-Creadaro avocou as escolas elementares ao Estado e instituiu um liceu moderno, jamais instalado. Será, enfim, Giovanni Gentile que, em 1923, renovará radicalmente a escola italiana segundo o critério do “voltar a Casati”, fechando todo o espaço de mobilidade social e favorecendo apenas o canal formativo do liceu, mas dando uma forma orgânica - estrutural e culturalmente - à escola italiana. (ANGOTTI; 2007, p.96 *apud* CAMBI, 1999, p.498).

Ainda quando criança, Maria Montessori e a sua família mudaram-se para Roma. Na adolescência, Montessori se interessou pelo curso de engenharia, quando decidiu investir em um curso técnico, o que proporcionou a ela um estudo mais aprofundado sobre matemática. A partir disto, sentiu o peso de ser uma mulher na área da ciência. Foi então que, baseada nesse interesse pela matemática e pela engenharia (que desistiu ano depois), descobriu o seu verdadeiro interesse em trabalhar com pessoas. Com relação a esta descoberta, foi realizar o curso de medicina.

Em 1896, foi a primeira mulher italiana a concluir o curso de medicina. Ainda em 1896, Montessori foi convidada para trabalhar com crianças com retardo na Clínica de Roma. A partir deste convite, Montessori iniciou suas pesquisas no seu método de ensino. Em razão desta oportunidade, Montessori iniciou as suas práticas como educadora científica, originando assim, a Casa Dei Bambini, com crianças de um cortiço no Bairro San Lorenzo, localizado na periferia de Roma. Tais crianças, conhecidas como crianças retardadas, eram pobres e ficavam neste ambiente enquanto os pais trabalhavam.

Na casa Dei Bambini, Montessori pode se descobrir como educadora, e assim foi possível seguir com a perspectiva de realizar um trabalho educativo com as crianças que ali estudavam. Por isso, como objetivo principal tinha em mente realizar

um trabalho em que as crianças pudessem se descobrir, em que elas pudessem explorar os materiais propostos por ela, que valorizava a autonomia por meio da organização do ambiente e dos materiais propostos para as crianças.

O conceito de educação por meio da Maria Montessori é retratado como um educar para o mundo, em que o aluno seja o principal instrumento do próprio desenvolvimento. O ambiente proposto por Maria Montessori deve ser adequado para cada faixa etária, pensando, assim, em um ambiente em que o aluno pouco necessite do auxílio de um adulto, a fim de que possa se desenvolver autonomamente.

A educação é compartilhada pela mestra e pelo ambiente. A antiga mestra “instrutora” é substituída por todo um conjunto, muito mais complexo; isto é, muitos objetos (os meios de desenvolvimento) coexistem com a mestra e cooperam para a educação da criança. (MONTESSORI, 1965, p.143).

Para que a criança possa se desenvolver plenamente, é necessário que o ambiente seja preparado. Sendo assim, Maria Montessori propõe em seu método que os materiais a serem expostos dentro da sala de aula sejam pensados conforme a faixa etária de cada indivíduo. Os materiais são pensados para que “[...] sozinha com o material, a criança reage às suas estimulações pelas manipulações formadoras da sua pessoa e reveladoras, aos seus olhos, das suas próprias potencialidades.” (ARAÚJO; ARAÚJO, 2007, p.125). Um dos objetivos da educação Montessoriana é proporcionar à criança um espaço/ambiente voltado às suas necessidades, tendo como objetivo principal um ambiente que contribua para o desenvolvimento da autonomia da criança.

Montessori traz por meio de sua metodologia uma espiritualidade no educar, em que compara a criança como um sujeito que é o exemplo da humanidade, sempre centralizando o ensino e o espaço de ensino na criança. Assim, compreendendo como principal sujeito a criança e não o professor. Em vista disso, é imprescindível ressaltar a importância do espaço para Montessori e o quanto o espaço educacional tem sido debatido e pensado para a Educação Infantil.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO E DO AMBIENTE PARA A PEDAGOGIA MONTESSORIANA

O espaço, um dos princípios que constituem a organização do cotidiano e que expressa o currículo da Educação Infantil, se constitui a partir das especificidades da educação para crianças pequenas. Fornero (1998) aborda que a palavra espaço deve ser designada para o local em que a criança aprende, o local onde estão os materiais didáticos; já a palavra ambiente se refere a arquitetura, ao ambiente decorado.

Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes. Portanto, o meio constitui fator preponderante para o desenvolvimento dos indivíduos, fazendo parte constitutiva desse processo. As crianças, ao interagirem nesse meio e com outros parceiros, aprendem pela própria interação e imitação, conseqüentemente quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas entre parceiros, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica. (HORN; GOBBATO, 2015, p.71).

Uma proposta pedagógica para a Educação Infantil precisa considerar, de acordo com as políticas pedagógicas da Educação Infantil, o espaço escolar agradável para a criança. Ou seja, um espaço que propicie aprendizagens significativas, contendo materiais pedagógicos adequados e espaço limpo, aconchegante, adequado para a faixa etária de cada criança. Os ambientes devem ser pensados nas e para as crianças.

A criança sempre deve ser o centro de todo este conceito de ambiente e espaço, pois estes locais devem ser construídos a partir do principal sujeito.

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas partilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses. (DCNEI, 2009, p.16).

Na Educação Infantil, a sala de aula não é o único espaço de trocas e aprendizagens. Todos os espaços da escola, como banheiro, pátio, refeitório, biblioteca e corredores são considerados ambientes desafiadores para as crianças, possibilitando o desenvolvimento pleno nestes ambientes. Como afirma Horn (2004, p.35), “[...] o espaço nunca é neutro. Ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas”.

No que diz respeito ao espaço, Maria Montessori utilizou quadros para enfeitar a Casa Dei Bambini, como o quadro “Madonna della Seggiola”, de Rafael Sanzio, que enfatiza o “símbolo perfeito da maternidade”. (MONTESSORI, 1965, p.43). Além de

Montessori abordar a maternidade, ela buscou enfatizar, em função da estética do ambiente Montessoriano, a religiosidade em seu método. Afirmando que,

As crianças não poderão compreender a significação simbólica da “Madonna della Seggiola”, mas intuirão nesse quadro algo mais elevado que nos outros, que representam simplesmente mães, pais, avós, e crianças; e estas figuras todas se aninharão em seus corações envoltas num sentimento de religiosidade. (MONTESSORI, 1965, p.43).

Mesmo no século XIX e no início do século XX, Maria Montessori já pensava em ambientes que possibilitassem o desenvolvimento centrado no aluno e a importância de ambientes decorados artisticamente com quadros que possuíssem objetivos. Seguindo a linha de pensamento centrado na criança para organizar as salas de aula, a educadora relata que

As mesas, as cadeiras, as pequenas poltronas, leves e transportáveis, permitirão à criança escolher uma posição que lhe agrada; ela poderá, por conseguinte, instalar-se comodamente, sentar-se em seu lugar: isto lhe constituirá, simultaneamente, um sinal de liberdade e um meio de educação. (MONTESSORI, 1965, p.44).

Montessori ressalta a importância de mesas e cadeiras que sejam adequadas ao tamanho das crianças, para que possam utilizá-las com autonomia, bem como objetos leves, cadeiras e materiais que as crianças possam transportar sozinhas. Montessori (1965, p.45) ainda afirma que “a simplicidade ou deficiência dos objetos exteriores servem, pois, para desenvolver a atividade e a destreza dos alunos”.

Para Montessori é imprescindível que o ambiente contemple as necessidades internas (e externas) das crianças, proporcionando autonomia a elas.

É isso que vemos nas escolas montessorianas até hoje, ambientes especialmente preparados para atender às necessidades, limitações, e possibilidades de cada criança de maneira que ela possa agir independente do adulto, neste caso, da professora. (MORAES, 2009, p.54).

Em suma, a criança é o sujeito principal do relacionamento entre professor e aluno. Com isso, cada aprendizagem proposta pelo ambiente educacional ou pelo professor deve ser considerada com uma experiência significativa para a criança. Augusto (2016, p.113) aborda que “na Educação Infantil, a experiência está circunscrita por algumas condições. A primeira delas é a interação”.

Na Educação Infantil, a interação é um dos pilares mais importantes estabelecidos pela base da Educação Infantil, pois é na interação que a criança vive as suas experiências. A interação se dá não somente com adultos e com o ambiente, mas também com os colegas. Os vínculos estabelecidos entre as crianças faz com

que haja interação mútua e experiências no ambiente em que fora pensado para as crianças. Augusto (2016, p.114) afirma que “[...] as crianças podem construir experiências que ampliem sua confiança e participação nas atividades individuais e coletivas”.

É impossível abordar sobre espaço sem falar sobre o ambiente, e, nesse caso, o ambiente interno da sala de aula, tendo em vista que, conforme a pedagogia Montessoriana, as salas de aula devem ser de cor clara e bem iluminadas e as estantes devem ser de altura baixa, para que os materiais estejam ao alcance das crianças, a fim de que possam se movimentar e trabalhar com autonomia.

[...] características claras como meio conveniente para a ação infantil, preparado nos seus detalhes mínimos, incluindo a predeterminação dos materiais possíveis de utilização. Esse ambiente deve ser adequado, qualitativa e quantitativamente às crianças [...]. (ANGOTTI, 1994, p.29).

Conforme Montessori (1965), a sala de aula como ambiente de aprendizagem é o local mais importante, pois nele deve haver possibilidades em que a criança se sinta à vontade, se sinta “longe” do poder do adulto.

Além de salas de aula claras e materiais no alcance das crianças, Montessori valorizava a natureza e a arte. Por isso, é indispensável que se encontre em salas de aulas Montessorianas quadros artísticos, flores e/ou plantas. Assim como já citado, as mesas e cadeiras são de tamanhos adequados para as crianças, os materiais didáticos são leves e de fácil transporte, a fim de que a criança possa se desenvolver nesse ambiente que fora pensado para ela. Como principal base, Montessori cita que

O método de observação há de fundamentar-se sobre uma só base: a liberdade de expressão que permite às crianças revelar-nos suas qualidades e necessidades, que permaneceriam ocultas ou recalcadas num ambiente infenso à atividade espontânea. (MONTESSORI, 1965, p.42).

A atividade espontânea na Educação Infantil Montessoriana dá-se a partir do espaço que fora pensado para a criança, onde seja possível desenvolver as suas habilidades e impulsionar as suas potencialidades.

Montessori deixa muito claro em seu livro *Pedagogia Científica* que o ambiente deve ser pensado para a criança, para que ela possa desenvolver as suas tarefas com autonomia e ir aperfeiçoando cada vez mais o seu eu. Pois, como afirma Montessori (1965, p.57), “a vida se manifesta, a vida cria, a vida floresce: e ela se mantém dentro de limites e de leis irreprimíveis”. Dessa forma, o ambiente é pensado para que a criança se descubra, sem desconsiderar o seu desenvolvimento biológico, e para que

haja o contato da criança com a natureza e com o ambiente natural, fator indispensável para este desenvolvimento que é muito significativo na Educação Infantil, compreendendo as limitações particulares de cada criança.

Maria Montessori, inspiração para a Educação Infantil, é considerada referência no Brasil e no mundo, assim como nas escolas de Reggio Emilia, na Itália. Montessori é considerada referência principalmente pela organização do ambiente interno da sala de aula, em que preza por um ambiente pensado para e na criança. A organização interna dos ambientes da sala de aula utilizada na Europa é

[...] uma proposta pedagógica que visou à descentralização da figura do adulto na prática cotidiana, o que possibilitou mais autonomia por parte das crianças. Esses modelos têm sido uma referência mundial para educação infantil. (HORN, 2004, p.33).

As salas de aula possuem espaços e ambientes pensados e direcionados totalmente para o sujeito principal: a criança. Por conta disso, contêm materiais pedagógicos à disposição das crianças, brinquedos estruturados e não estruturados, espaços para artes, leitura, classes adaptadas para a faixa etária de cada criança, estantes baixas, entre outras características.

Hoje em dia, a organização dos espaços encontrados em algumas salas de aula de escolas infantis, mesmo que de modo tímido, como a casa de boneca, dos jogos, da biblioteca, tem sua origem, certamente, em Montessori. (HORN, 2004, p.32).

Neste estudo, destaco especialmente a organização do espaço Montessoriano, bem como sua utilização em relação a como foi pensado para as crianças, como o mobiliário da sala proposto e outras questões, como o princípio da visibilidade, proposto por meio das janelas grandes em que as crianças podem enxergar a rua e as pessoas que passam pelos corredores ou pelo pátio, as áreas de conhecimento apresentadas pelas estantes, bandejas e cantos temáticos organizados pelas professoras.

Nesta perspectiva, segundo Rinaldi (2017, p.29), é importante destacar que se acredita que Montessori foi a “mãe” das propostas implementadas em Reggio Emilia, na Itália, conhecidas pelas diferentes publicações que chegam traduzidas para os professores brasileiros. Viso, assim, destacar alguns princípios imprescindíveis no ambiente Montessoriano.

É de suma importância destacar a importância da linha na sala de aula Montessoriana; afinal, nas salas de aula Montessorianas, é imprescindível encontrar

uma linha que tem o formato de elipse, quadrado ou círculo. A linha serve para diversas atividades e dentre elas estão aperfeiçoar o movimento do andar, assim como quando são realizadas atividades em grupo em que as crianças precisam de concentração e de silêncio para desenvolver a tarefa proposta.

A linha serve para realizar atividades com música, em que pode ser proposto que os alunos caminhem sobre a linha no ritmo da música. Ao caminharem sobre a linha, os pés devem estar inteiramente sobre ela. Também são realizados exercícios, como caminhar sobre a linha com um sino na mão, para que assim a criança possa desenvolver concentração e equilíbrio.

O silêncio é uma das características do ambiente de uma sala de aula Montessoriana, pois se acredita que a criança necessita de silêncio para maior nível de concentração, e que também o silêncio é um dos exercícios sensoriais que são desenvolvidos em uma rotina Montessoriana.

Montessori (1965, p.91) ressalta que “o silêncio absoluto equivale a uma absoluta imobilidade. Nós, entretanto, consideramos o silêncio antes como um dos exercícios sensoriais [...]”. O silêncio é um dos exercícios desenvolvidos para que a criança consiga ouvir os sons que estão, até mesmo, fora do local de sala de aula.

A musicalidade torna-se “[...] um guia interior de seus movimentos, que obedecerão a seu ritmo.” (MONTESSORI, 1965, p.91). O corpo deve estar apto a responder o ritmo da música.

Montessori relata que a criança “[...] não só aprendeu a manter o silêncio, como também aprendeu a observá-lo oportunamente: não fará ruído na igreja. Não só aprendeu a fazer uma genuflexão, como aprendeu a fazê-la no lugar adequado: diante do altar.” A criança torna-se dona dos seus sentidos, tendo a liberdade e o conhecimento de sua concentração e autonomia.

A partir do silêncio e da concentração “[...] não raro será suficiente demonstrar simplesmente como se manuseia um objeto.” (Montessori, 1965, p.108). Assim, Montessori reafirma que a professora deverá somente explicar o uso do material de forma silenciosa, clara e objetiva, sempre utilizando somente as palavras necessárias. Montessori ressalta que o silêncio presente em sua metodologia deve respeitar a natureza da criança.

Por fim, como fora possível ler, o silêncio é um dos princípios Montessorianos que deve estar presente na rotina da Educação Infantil Montessoriana para que o aluno possa obter melhor desempenho em suas tarefas, tendo a oportunidade de se

concentrar totalmente na tarefa realizada ou até mesmo nos sons que permeiam o ambiente da sala de aula.

3.2 O TEMPO E A SUA ORGANIZAÇÃO

É impossível tratar sobre tempo sem relacioná-lo com a rotina que permeia a vida escolar. Afinal, como afirma Barbosa (2006), a organização do cotidiano da escola se dá a partir da organização das rotinas compostas pelos seguintes elementos: horário de entrada e de saída dos alunos, horário de alimentação, horário da higiene, datas comemorativas e tarefas dos adultos.

A rotina e o tempo possuem ligação extrema, pois não há como explorar e organizar as rotinas se não há tempo estipulado e organizado para a realização das atividades propostas pelas instituições de ensino. Assim, como afirma Barbosa (2006, p.37), “as rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade”.

O tempo, por si só, faz a rotina,

O tempo faz parte, inevitavelmente, de nossa própria constituição genética. Todos dispomos de um relógio biológico, chamado circadiano. Esse relógio nos ajuda a regular os ritmos de sono e vigília, adaptando-nos à luz ambiental. Ao amanhecer, por exemplo, esse relógio se encarrega de secretar cortisol e de ativar muitas das funções vitais. Ao chegar a noite, induz-nos ao sono. Esse ritmo circadiano nos dá uma ideia aproximada não apenas da hora em que estávamos, mas também do mês ou dá época em que vivemos. (HOYUELOS, 2015, p.42).

O tempo se organiza, o tempo é a própria organização, contendo os seus horários, os seus dias e as suas noites, as estações, os meses e os anos. Tudo isso faz parte do tempo que forma a rotina, a rotina escolar que possui um planejamento que parte do tempo, do tempo que há para realizar as tarefas, do tempo que divide os horários, do tempo que separa os meses, as estações e os anos. O tempo é a própria organização e rotina.

Assim como Barbosa (2009) e Hoyuelos (2015), Montessori, no final do século XIX, já pensava no tempo e na rotina. Porém, Montessori (1965) aborda que o tempo e rotina devem ser trabalhos desde o nascimento da criança e que esta deve ter o seu tempo respeitado, considerando a singularidade. A fim de que este desenvolvimento seja efetivo, Montessori afirma que é importante considerar o tempo durante a

realização das práticas pedagógicas. Além de respeitar o tempo do aluno, pode-se abordar sobre “o tempo que nos falta”. Hoyuelos (2015, p.51 e 52) afirma que

Os tempos da educação se dilataram: mais anos de escolarização obrigatória. Ao mesmo tempo, há uma sensação de que falta tempo para tudo. Os diferentes professores das distintas etapas educacionais se queixam, eternamente, de não ter tempo para levar a cabo os programas e exigem, às vezes com muito interesse corporativista, mais horas para as suas disciplinas. (HOYUELOS, 2015, p.51 e 52).

Considerando os fatores apresentados, questiono: como tem sido utilizado esse tempo na Educação Infantil? O tempo de aprendizagem de cada criança tem sido respeitado?

Prosseguindo na organização do tempo, Montessori trata sobre a importância de conter musicalidade em momentos de aula na Educação Infantil. Porém, Montessori (1965, p.270) expõe que “[...] a música não pode ser cultivada por crianças ainda tão pequenas; o desenvolvimento dessa arte requer idade um pouco mais avançada”. Sendo assim, busquei autores que pudessem me apresentar subsídios para a compreensão da musicalidade na educação das crianças pequenas.

Beyer (2005) relata sobre a capacidade do bebê ouvir música ainda na barriga de sua mãe e que, após o nascimento, começa a aperfeiçoar os seus sentidos, sendo um deles o auditivo, tendo como passo principal a diferenciação das vozes que o rodeiam, aprendendo a diferenciar a voz de sua mãe com de outras mulheres.

É importante que o educador musical esteja buscando momentos musicais com o bebê que permitam que ele exerça sua ação espontânea sobre o som, equilibrando momentos de ação mais sensorial e outros de ação mais motora. (BAYER, 2005, p.106).

Considerando os dois pontos de vista expostos, qual seria a importância de trabalhar música com crianças muito pequenas? Será que esta prática tem sido desmistificada atualmente no Método Montessoriano?

Em outro momento, Montessori (1965) explica que a música pode e deve ser trabalhada a partir dos 3–4 anos de idade, introduzindo o caminhar pela linha, conforme o ritmo da música, assim fazendo com que a criança possa controlar o seu próprio corpo conforme a música tocada. Sucessivamente, as letras de músicas também são trabalhadas, fazendo com que as crianças cantem as músicas e gravem as suas letras, sempre respeitando o ritmo das músicas e o seu tempo. Também é importante informar a valorização dos sons dos instrumentos musicais, como os

sininhos e outros materiais da educação sensorial que são utilizados no caminhar na linha.

3.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS MONTESSORIANOS PARA A ESTRUTURAÇÃO DOS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista que o tempo é organizador e que a rotina é essencial para as crianças, visto, nesta sessão, abordar sobre os princípios Montessorianos em relação aos materiais pedagógicos, visto que a oferta de materiais é fundamental para esta organização do tempo e da rotina da criança.

Em relação à oferta de materiais, a escolha ocorre a partir dos objetivos pedagógicos existentes no planejamento do professor. Todos os materiais propostos e expostos possuem uma finalidade, afinal, como afirma Horn (2004, p.35), “o espaço nunca é neutro”, ele sempre nos transmite algo.

Horn (2004) afirma que as procedências dos materiais podem partir de diversas percepções pedagógicas, apontando que

[...] os materiais didáticos obedecem critérios como o fato de ter diferentes procedências, ou seja, ser ou não industrializados; o tipo de interação que oferecem às crianças; sua colocação e disposição na sala de aula. Explicitando melhor, verifica-se que diferentes materiais, como os coletados na natureza (folhas, conchas e pedras) e os de sucata, de modo geral, são oferecidos às crianças e, muitas vezes, também fazem parte da decoração da sala. (HORN, 2004, p.34).

Segundo Horn (2004, p.34), assim como os materiais, a organização da sala de aula também obedece critérios, sendo necessário ter princípios estruturados e claros. A partir disso, abordo a concepção de organização da Educação Infantil por cantos temáticos. Horn (2004, p.31 e 32) destaca as contribuições de Maria Montessori para a construção dos ambientes internos, com mobiliários fixos que disponham de estantes que possuem determinado material, as quais são chamadas de cantos temáticos.

Montessori aborda, ainda nos séculos XIX e XX, a importância de pensar em um ambiente para a criança. Este conceito, que já é conhecido e aplicado há décadas, segue sendo referência para a organização dos ambientes internos de escolas de Educação Infantil com o método de ensino Montessoriano, assim como na cidade de

Reggio Emilia, na Itália, que possui um ambiente pensado para as crianças, além de a sua construção contar com a participação direta das crianças, por meio de criações.

A partir dos pontos destacados, é importante ressaltar a importância de Maria Montessori para a construção das escolas da região de Reggio Emilia. Malaguzzi (s.a. apud RINALDI, 2017) ressalta que “Montessori: ela é nossa mãe, mas como todos os filhos, tivemos de nos tornar independentes da mãe”.

Por fim, foi possível compreender um pouco sobre as contribuições significativas que Montessori trouxe para a criação dos espaços escolares, visto que Montessori (1965), em 1965, por meio da sua metodologia, aborda as áreas temáticas em sala de aula, utilizando as estantes de ciência, matemática, linguagem, sensorial, artes, entre outros cantos que normalmente são propostos pela professora regente da turma observada.

Montessori (1965, p.146) ainda afirma que “[...] além de colocar a criança em contato com o material, deverá também interessá-la pela ordem do ambiente que a envolve.” Tanto o material quanto o ambiente são importantes para a aprendizagem. O ambiente compõe os materiais, pois o ambiente nunca é neutro, o ambiente influencia a aprendizagem da criança, seja pela sua decoração ou, principalmente, pela oferta de materiais.

3.4 OS MATERIAIS MONTESSORIANOS NA SALA REFERÊNCIA

Como já apresentado, Maria Montessori iniciou seus estudos com crianças deficientes e para isso recorreu aos estudos de Séguin, com *O Menino Selvagem de Aveyron*. A partir desses estudos, a educadora começou a fabricar materiais pedagógicos, como os sensoriais.

Os materiais ficam dispostos em estantes organizadas por áreas temáticas, como matemática, ciências naturais, vida prática, linguagem e artes. Para trabalhar com os materiais, é necessário utilizar o tapete ou a mesa. Os tapetes são pequenos e leves, ficam expostos em um determinado local da sala e os alunos pegam-no sempre que necessário; por exemplo, para trabalhar com as barras é imprescindível a utilização de um tapete para melhor organização.

Os materiais ficam à disposição das crianças e possuem sempre finalidades que podem ser alcançadas, como abotoar botões no material de telaios. Montessori

(1965, p.59) deixa claro que os materiais devem ser atraentes para as crianças e que os objetos “[...] “convidam” a agir, a realizar um verdadeiro trabalho, orientado para uma finalidade real e fácil de atingir”, e que as escolhas dos materiais devem ocorrer a partir do olhar central para a criança.

Os materiais não se repetem na estante, pois cada material é único. A criança escolhe um material e conseqüentemente pode, como afirma Montessori (1965, p.96), “[...] levá-lo e colocá-lo onde quiser: sobre a mesa junto à janela, ou num canto escuro, sobre um tapetinho estendido no chão; ou ficar com ele todo o tempo que quiser, repetindo o exercício”.

A criança possui liberdade para explorar o material, pois a sala de aula Montessoriana é um local de exploração sensorial. A professora, ou mestra (como aborda Montessori), ensina o manuseio dos materiais, apresenta uma de suas funções e deve sempre realizar esta tarefa de forma prudente, utilizando somente palavras necessárias para explicar a tarefa ou o material.

Conforme Montessori (1965, p.103), “o material sensorial é construído por uma série de objetos agrupados segundo uma determinada qualidade dos corpos, tais como cor, forma, dimensão, som, grau de aspereza, peso, temperatura, etc.”. Desse modo, todos os materiais são pensados e criados para que as crianças desenvolvam seus sentidos sensoriais, tais como o tato, o olfato, o paladar, a audição, a visão, entre outros.

3.5 A AÇÃO DA PROFESSORA MONTESSORIANA

Maria Montessori escreveu alguns livros, sendo um dos mais importantes *Pedagogia Científica*, publicado em 1909, que retrata a prática realizada pela educadora na Casa Dei Bambini. Neste exemplar, também é possível ter acesso aos materiais desenvolvidos por Montessori e à utilização de cada um deles. Nele, Montessori retrata como foi criado e desenvolvido o seu método, destacando inicialmente que fora aplicado em uma casa com crianças de um cortiço que viviam em um bairro pobre na Itália, consideradas retardadas e discriminadas socialmente.

A prática pedagógica Montessoriana visa a desenvolver a autonomia da criança a partir do ambiente, dos materiais pedagógicos e do professor como “mestra”. A “mestra” é um papel representado pela mulher, visto que a pedagogia Montessoriana é abordada nos séculos XIX e XX, quando a mulher ainda é vista como quem tem o amor materno, quem cuida e alimenta e o homem, quem supre as necessidades financeiras do lar. E é a partir desses pontos que a mulher é fortemente vista dentro das salas de aula da Educação Infantil, dado que os homens não eram vistos como “mestres” nesses ambientes.

Apesar de que a mestra possuía uma forte representação no meio social, dentro da sala de aula Montessoriana, o sujeito principal era o aluno. O espaço é criado de forma que potencialize as experiências e aprendizagens das crianças. Montessori (1965, p.145) afirma que a tarefa da mestra é dupla, pois é necessário que ela conheça o trabalho que dela se exige e o papel reservado ao material, isto é, aos meios de desenvolvimento.

Como mestra, a professora deveria, imprescindivelmente, garantir o necessário para o desenvolvimento da criança, como afirma Montessori (1965).

A presença do supérfluo e a ausência do necessário são dois erros principais; a linha de demarcação entre esses dois extremos indica o nível da perfeição. O fim a atingir é estabelecer com ordem a atividade espontânea da criança. (MONTESSORI, 1965, p.155).

O necessário se refere à criança conquistar determinadas situações sozinhas. Para isso, a mestra pode auxiliar, mas jamais responder algo para a criança. Como educadora/mestra, Montessori (1965, p.157) declara que “a facilidade e a dificuldade das coisas não podem ser julgadas senão à luz de uma experiência direta”. Sendo possível que a criança explore primeiro o ambiente e os materiais pedagógicos, para que, sem a direta intervenção do professor, tenha a chance de se descobrir espontaneamente.

Para iniciar a escolarização de uma criança, Montessori (1965) acreditava ser de suma importância ter os sentidos (audição, visão, tato, olfato e paladar) bem desenvolvidos. Com isso, desenvolveu uma série de materiais que trabalham esses sentidos, chamados de “materiais sensoriais”. Em seu livro *Pedagogia Científica*, Montessori (1965, p.47) explica que,

[...] ao ministrar sua lição, a mestra poderá ajudar a criança a manusear o material sensorial; é necessário que a atenção seja isolada de tudo aquilo que não constitui o objeto da lição. Terá, em decorrência, a precaução de

colocar diante da criança uma pequena mesa, e, em cima dela, unicamente o material que quiser apresentar.

[...] a ajuda da mestra deve consistir em apresentar o material à criança para lhe indicar como deverá ser manipulado, executado por ela mesma, umas duas vezes o exercício: por exemplo, tirando os cilindros dos encaixes sólidos, misturando-os e, em seguida, colocando-os cada um em seu devido lugar [...].

Chamar a atenção: sempre que for apresentar um objeto à criança, a mestra deverá fazê-lo com vivacidade; seu interesse é necessário, para atrair a atenção da criança.

Impedir o uso errado: se a mestra percebe que alguma criança está manipulando o material de maneira que não corresponde aos objetivos colimados, isto é, de um modo profícuo para o real desenvolvimento da inteligência infantil, ela deverá impedi-la de assim prosseguir: com o máximo cuidado, contudo, se a criança estiver tranquila e com boas disposições. Se, pelo contrário, notar certa inclinação caprichosa pela desordem, procederá a uma correção enérgica: não se trata de causar uma humilhação à criança, mas sim, impor-lhe uma vontade inteligente. (MONTESSORI, 1965, p.147).

Na citação acima, é possível compreender o que Maria Montessori descreve como deve ser aplicado/explicado o uso dos materiais, considerando que a professora/mestra deve ter um olhar atento para que a criança possa desenvolver a tarefa corretamente. Montessori relata que é necessário intervir quando a criança erra algo, não quer dizer que a criança não pode realizar a tarefa de uma forma diferente da que a mestra ensinou, mas que o erro não deve ser permitido para que não haja exposição da criança.

Nesta seção, foi possível compreender o papel da professora dentro da sala de aula Montessoriana, enfatizando principalmente os materiais desse ambiente. Na próxima seção, abordarei sobre a representatividade e o papel da mestra/professora, que é totalmente representado pelo sujeito da mulher. Com isso, brevemente ressaltarei o papel da mulher no magistério, principalmente na Educação Infantil, já que por séculos o espaço educacional tem sido ministrado por mulheres.

A professora, ou mestra, como aborda Maria Montessori, possui um papel importante, mas muito discreto diante do método de organização da sala de aula por áreas de conhecimento, como: ciências naturais, vida prática, matemática e artes.

Por vezes, a relação professor–aluno é considerada fria, pois Montessori acredita que a criança possui capacidade plena para descobrir o mundo que a cerca, e que a mestra só deve intervir nesta aprendizagem quando for necessário. Por isso, é necessário e imprescindível que o professor Montessoriano tenha um olhar científico e totalmente atento para os seus alunos.

A relação que se estabelece está sempre mediada pelo ambiente e sua utilização, pois o professor se torna um “instrumento” de organização do ambiente que irá possibilitar ao aluno o desenvolvimento [...]. (ANGOTTI, 1994, p.42).

O professor é considerado um mestre que está imerso neste local para auxiliar a criança no que for necessário e não para apresentar o mundo para o aluno, mas sim, para que a criança possa descobri-lo por si só.

A explicação do professor Montessoriano deve se basear em uma explicação clara e objetiva. Sua fala e postura devem ser realizadas com prudência, sempre descartando o que não for necessário. A criança é o centro da aprendizagem e por esse motivo, a linguagem do professor deve ser prudente.

Quando as crianças estão trabalhando, a mestra deve observar

Se a lição é dada com brevidade, simplicidade e veracidade, não foi compreendida, a mestra deverá, então, ater-se a dois pormenores: 1) não insistir, repetindo a lição; 2) não dar a entender à criança que ela se enganou ou que não compreendeu; porque isto poderia estagnar, por muito tempo, esse misterioso impulso à ação que constitui a própria base de toda evolução. (MONTESSORI, 1965, p.109).

Por fim, Montessori demonstra total cuidado com a criança, sugerindo que a professora seja discreta e cautelosa, dando, assim, total liberdade para que as crianças possam explorar o mundo ao seu redor, sem frustrá-la quando alguma atividade não ocorre como o adulto espera. Posto que a aprendizagem é constante e o objetivo é que o aluno explore o ambiente e o material que ele escolheu para trabalhar.

4. ANÁLISES

4.1 “ELE QUE VAI ESCOLHER COM O QUE ELE VAI TRABALHAR, SE É NO TAPETE OU SE É NO CADERNO” — APRESENTANDO OS EIXOS DE ANÁLISE

Neste capítulo, realizarei as análises dos dados coletados neste estudo por meio das observações feitas no Jardim A e no Maternal I e das entrevistas realizadas com a professora do Maternal I e com a Coordenadora da Educação Infantil da Escola Girassol. Para isso, inicialmente irei apresentar uma breve descrição do contexto.

A turma do Jardim A é constituída por 19 crianças, sendo 10 meninos e 9 meninas e se configura como uma turma tranquila, que frequenta a Escola Girassol desde o Berçário. Já a turma do Maternal I, é composta por 16 crianças, sendo 14 meninos e 2 meninas, que também frequentam a escola desde esse período, sendo a conversa frequente uma característica marcante neste grupo.

A professora responsável pelo grupo do Maternal I é formada no Magistério, cursou Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e possui dois cursos em nível de especialização: Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Orientação Educacional pela EDUCINTER. Atua na Educação Infantil há 20 anos, sendo que deste período, 17 anos são exclusivos na Escola Girassol. Já professora responsável pela turma do Jardim A é formada em Pedagogia pela PUCRS, possui pós-graduação e atua há 20 anos nesta escola.

A coordenadora é formada no Magistério, cursou Pedagogia com ênfase em Supervisão Escolar pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e, em nível de pós-graduação, possui o curso de Psicomotricidade pela mesma faculdade. Atua há 26 anos na Educação Infantil, sendo que toda a sua trajetória profissional ocorreu na Escola Girassol.

A partir de uma leitura detalhada dos diários de campo produzidos através das observações e das entrevistas realizadas, destaco três focos para a análise: o ambiente/espço, os materiais e os princípios Montessorianos que fundamentam a ação pedagógica das professoras na Escola Girassol.

4.2 MONTESSORI E ALGUNS PRINCÍPIOS PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA GIRASSOL

Os princípios Montessorianos até hoje são difundidos no Brasil por Escolas que apresentam esta metodologia como princípio para a construção do ambiente e do espaço, da ação do professor e das crianças. Destacando, nesta metodologia, o princípio da criança, que pode desenvolver a sua autonomia por meio de um ambiente potencializador, que deverá ser composto por determinadas especificidades Montessorianas, como os materiais.

O Método Montessoriano chegou ao Brasil em 1910, por meio de Joana Falce Scalco, em uma escola do estado do Paraná. Destaco a Associação de Escolas

Montessorianas, que se chama Organização do Movimento Montessori no Brasil (OMB), criada em 1996 a partir de um encontro com diretores de Escolas Montessorianas para trocas de saberes e formações qualificadas direcionadas para o método em questão.

Atualmente, no Brasil, o Movimento Montessori é bem mais reconhecido, sendo que na cidade de Porto Alegre em média² cinco escolas se caracterizam com propostas pedagógicas baseadas em Maria Montessori e na sua pedagogia científica.

É importante ressaltar que a proposta Montessoriana foi inspiradora para muitas práticas e propostas pedagógicas, destacando-se a afirmação de Malaguzzi (s.a. apud RINALDI, 2017) de que Montessori é como a “mãe” da educação que rege a cidade de Reggio Emilia, na Itália, mas que, com o passar dos anos, ampliaram suas teorias para que fosse possível prosseguir o seu caminho.

É importante afirmar que os estudos de Montessori perpassaram a medicina e alcançaram a Educação, sendo a educadora mundialmente conhecida pela sua Metodologia Científica, que busca, a partir de sua Pedagogia, criar seres que (re)conheçam os seus potenciais por meio da autonomia. Montessori tem grande significância na construção do ambiente e do espaço escolar, pensados diretamente em seus sujeitos principais, ou seja, as crianças.

Portanto, conhecer a trajetória das profissionais que atuam na escola e como conheceram a Metodologia Montessoriana, foi fundamental, visto que, durante a minha experiência acadêmica na UFRGS, no curso de Pedagogia, o estudo de Montessori não se fez tão presente.

As professoras da pesquisa conheceram a Pedagogia Montessoriana:

“Através do curso de Pedagogia na faculdade. E depois, quando eu trouxe o currículo para a escola, eu sabia que era Montessoriana. E fui também fazendo pesquisas sobre o método. Foi onde eu deixei o currículo na Escola Girassol.”
(Entrevista com a professora - 14/05/2018).

“Eu conheci trabalhando aqui na escola, nesta instituição. Quando abriram a seleção, eu não conhecia nem o método, mas eu tinha uma conhecida que a filha dela estudava aqui e eu achava encantador o caderno de linhas verdes, o caderno quadricular, então eu me interessava bastante. Quando abriu seleção, eu vim e tive

um encantamento com o ambiente, com a organização da escola, me identifiquei muito com essa proposta.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

Na fala da professora, é possível compreender que esta já havia tido algum contato durante o curso de Pedagogia. Já a coordenadora veio a conhecer o método, de fato, quando começou a trabalhar na Escola Girassol. Destaco que uma das características desta escola são as formações específicas sobre o Método Montessoriano disponibilizadas aos seus profissionais, por se tratar de um método atualmente tão recorrente nas propostas educativas das escolas de Educação Infantil no Brasil. O método é mais reconhecido em algumas escolas da rede privada de ensino.

A coordenadora destaca a importância do aperfeiçoamento e da qualificação no que se refere ao Método Montessoriano em sua trajetória profissional, já que durante sua formação inicial este conhecimento foi “superficial”. Assim, destaca a importância do caráter formativo da Escola Girassol:

[...] A escola tem por princípio trazer educadores para ajudar na formação dos professores. Quando ela (a escola) iniciou (a escola tem 35 anos), se trouxe muita gente de São Paulo e do Rio de Janeiro para preparar esta equipe. Hoje, a gente acaba dando formação até para outras escolas, mas com frequência eu, os outros coordenadores e os diretores já fizemos cursos em outros Estados e até no exterior sobre o método, Congressos Montessorianos Nacionais e Internacionais. A gente já foi em Mtsala e também já fomos na Itália, em Roma.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

Em função disso, é possível considerar que a Escola Girassol é uma instituição formadora, pois, para que os seus professores tenham mais conhecimentos sobre o método, são ofertados cursos. Para os coordenadores e diretores, são oferecidos, além de cursos nacionais, cursos internacionais para formação de professores Montessorianos.

Considero ser de suma importância ressaltar alguns princípios observados na rotina durante o estudo, como o trabalho pessoal, que faz parte, inicialmente, do silêncio que permeia as salas de aula da Escola Girassol, sendo característica do ambiente desta instituição e também do Método Montessoriano. Compreende-se,

também, que o trabalho pessoal faz parte da organização e da utilização dos materiais que estão em sala de aula, considerando que a criança necessita, neste momento, de maior concentração para trabalhar.

O trabalho pessoal é significativamente o momento em que a criança entra em sala de aula, e tem a oportunidade de escolher algum material pedagógico e trabalha sozinha com este material. O termo “trabalho” neste estudo será utilizado para toda a ação que a criança realiza no período das aulas, visto que este termo é utilizado pelas professoras Montessorianas que tive contato e também pela coordenadora entrevistada. A partir deste momento de trabalho, a criança possui a oportunidade de desenvolver o seu eu. Nesse contexto, Montessori (1949) afirma que a criança

Procura a independência através do trabalho: a independência do corpo e da mente. Pouco lhe importa o que sabem os outros; quer aprender por si, quer ter experiências do mundo, percebê-lo pelo próprio esforço pessoal. Devemos entender, claramente, que quando damos liberdade a um trabalhador estimulado a agir, que não pode viver se não do próprio trabalho e da própria atividade. Este é o modo de existir dos seres vivos [...]. (MONTESSORI, 1949, p.81).

Durante a entrevista, questioneei à professora sobre o uso do tapete na sala referêcia. A professora explica:

“É um momento em que a criança tem a autonomia de pegar o seu material, sentar e se concentrar no seu trabalho, trabalho individual. Trabalho que ele possa perceber qual a dificuldade que ele tem em determinado material que a professora vai também perceber. Na verdade, a professora percebe isso e a professora vai trabalhar com ele, e é onde ele também pede o auxílio da professora, por isso o tapete. Como também eles utilizam na mesa, né, pegar um material e trabalhar na mesa. Ele tem opções. Isso que é trabalhado a autonomia, que ele possa escolher entre trabalhar na mesa ou no tapete. E não necessariamente só no tapete.”
(Entrevista com a professora - 14/05/2018).

Montessori (1965) acreditava que os seres vivos se desenvolvem de forma autônoma, por si só, e que este trabalho as crianças realizam a partir do instinto do ser vivo, por isso ressaltou a importância do ambiente preparado e pensado para a criança. A fim disso, também é relevante salientar que um dos princípios mais

marcantes na pedagogia Montessoriana é a autonomia, desenvolver a autonomia na criança a partir das vivências do dia a dia.

Ana destaca como se dá o aperfeiçoamento da autonomia das crianças muito pequenas no contexto do seu grupo:

“É aos poucos, mostrando pra eles que eles podem pegar determinado material, que eles podem escolher determinada atividade para fazer, sabendo que tem um tempo para essa atividade, que tem o momento pra atividade. É trabalhando aos poucos essa noção da autonomia.” (Entrevista com a professora - 14/05/2018).

Nesta análise, saliento a relação entre autonomia e ambiente, já que a autonomia está diretamente ligada com o ambiente oferecido para a criança, reconhecendo que é necessário um cuidado especial ao criar este ambiente. Nesse sentido, tanto a professora quanto a coordenadora destacam em suas entrevistas o cuidado em organizar o ambiente e escolher os materiais pedagógicos, em oferecer e dispor destes materiais no contexto da organização do tempo das atividades da escola, ou seja, materiais que auxiliem na organização da rotina estabelecida na Escola Girassol e na sala referência.

4.3 O AMBIENTE FALA POR SI

Nesta seção, busco abordar as análises referentes ao ambiente e ao espaço, que, conforme Rinaldi (2017),

Já existia uma clara intuição da relação existente entre a qualidade do espaço e a qualidade do aprendizado. A definição dos espaços como o “terceiro educador”, tão cara a Malaguzzi, fornece uma boa noção dos níveis de percepção que já haviam sido alcançados. Da mesma maneira, o impacto das declarações de Malaguzzi acerca dos direitos da criança a um meio ambiente de qualidade também era evidente. (RINALDI, 2017, p.146).

Considera-se o espaço e o ambiente como “educadores”, visto que a criança também aprende a partir das interações com/no ambiente e no contexto em que está inserida, potencializando ou não as suas aprendizagens. A partir disso, destaco o quão organizador é para a criança este ambiente preparado para ela, composto por estantes baixas, cadeiras e classes pequenas, quadros de pintura que decoram a sala referência e os corredores, tendo em vista proporcionar à criança o trabalho sem o

constante auxílio do adulto. Conforme afirma Rinaldi (2017), a participação do adulto se dá, também, indiretamente com a organização dos ambientes e dos espaços.

Diversos estudos demonstraram a importância do papel dos adultos no desenvolvimento das crianças pequenas, não apenas por meio de ações diretas e almeçadas, mas também indiretamente, quando os adultos criam contextos educacionais que estimulam as crianças a utilizar suas aptidões e competências. Essa implicação tem relevância na organização dos espaços físicos de uma escola para crianças pequenas. (RINALDI, 2017, p.157).

Reconheço que a autonomia é um princípio importante e está articulada com a organização do ambiente e do espaço para as crianças. Sendo assim, ao questionar às entrevistadas sobre os princípios pedagógicos que regem a Educação Infantil da Escola Girassol, a coordenadora deixou claro que:

“A autonomia eu acho o ponto maior assim. Porque eles entram bebês, a partir dos 4 meses, e muitos ficam turno integral (a escola oferece esse serviço, o dia inteiro), então, esse respeito ao ritmo de cada um, mas trabalhando a sua autonomia é, na minha opinião, o mais forte.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

A análise nos remete ao reconhecimento de que, neste contexto, trabalhar a autonomia da criança está relacionada aos momentos em que a criança muito pequena entra na sala de aula e tem a oportunidade de escolher o seu material sem a interrupção por adultos que a rodeiam. A criança tem a opção de trabalhar na mesa ou no tapete e, ainda, se a criança estiver cansada, ela tem a opção de mudar de atividade. Assim, como evidencia o registro no Diário de Campo:

As crianças chegaram aos poucos, a professora-auxiliar as recepcionava, enquanto a professora titular pedia para que elas pegassem o tapete e escolhessem um material. Neste momento, as crianças caminhavam entre as estantes (em silêncio, ainda um pouco sonolentas), passando os olhos sobre os materiais disponíveis. Pegavam um tapete, desenrolavam-no no chão e pegavam algum material [...]. Neste momento, as professoras não intervinham, continuavam observando a turma [...]. (Diário de Campo, Maternal I - 30/04/2018).

Nessa perspectiva, a autonomia é construída pela criança, mas é proporcionada pelo adulto, pelo professor, que tem a possibilidade de organizar este ambiente construído/pensado para/na criança. Assim, os materiais que compõem este

ambiente são confeccionados e dispostos para auxiliar no progresso do desenvolvimento das crianças, reconhecendo que o tempo desta deve ser respeitado, assim como apontado pelas DCNEI:

Princípios éticos: valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Cabe às instituições de Educação Infantil assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e suas curiosidades ao participar das práticas educativas, valorizar suas produções, individuais e coletivas, e trabalhar pela conquista por elas da autonomia para a escolha de brincadeiras e de atividades e para a realização de cuidados pessoais diários. Tais instituições devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão de mundo e de si próprio trazidas por diferentes tradições culturais e a construir atitudes de respeito e solidariedade, fortalecendo a autoestima e os vínculos afetivos de todas as crianças. (BRASIL, 2009, p.8).

Analiso, assim, ser de suma importância a valorização das crianças e dos avanços alcançados ao longo das atividades, para que a autoestima destas seja respeitada e contemplada.

4.4 “PROF.^a, COMO SE TRABALHA COM ESTE MATERIAL?” — OS MATERIAIS MONTESSORIANOS E O PAPEL DA PROFESSORA NA ESCOLA GIRASSOL

Montessori, ao dar início às atividades na Casa Dei Bambini, primeiramente construiu os materiais que são chamados de materiais sensoriais, utilizados para que haja estímulos referentes aos sentidos, se fazendo conhecida por meio de sua pedagogia dos sentidos. Sendo assim, com o passar dos anos, muitos outros materiais foram criados e adaptados, ambos inspirados nos materiais Montessorianos que contemplam os sentidos. Assim, como Montessori (1965) relata,

Podemos, pois, auxiliar o desenvolvimento dos sentidos às crianças precisamente nesta idade, mediante uma graduação e adaptação dos estímulos, como também devemos auxiliá-los na formação da linguagem antes que esta esteja completamente desenvolvida. Toda a educação da primeira infância deve estar penetrada deste princípio: auxiliar o desenvolvimento natural da criança. (MONTESSORI, 1965, p.98).

Assim, pensou em materiais que contemplassem a integralidade do desenvolvimento da criança, possibilitando que diversos materiais fizessem parte do cotidiano das crianças e fossem auxiliá-los no dia a dia fora da escola, sendo, desta forma, a escola um prolongamento da casa destas crianças.

A partir das observações realizadas na Escola Girassol, foi possível conhecer os diversos espaços e os ambientes que compõem esse ambiente. As salas de aulas são organizadas por estantes temáticas que possuem materiais pedagógicos estruturados, utensílios de cozinha e materiais de recorte e colagem.

Os materiais encontrados no Jardim A e no Maternal I foram, especificamente: telaios, caixa de sombras, cubos do binômio e do trinômio, tentos, fusos, triângulos construtores, formas geométricas, barras vermelhas e azuis, caixa de areia, quebra-cabeça de ciências, campainhas, sólidos geométricos, entre outros, organizados em estantes temáticas (de ciências, de matemática, de vida prática, de linguagem, espaço (mesa) de artes).

Destaco alguns dos materiais Montessorianos encontrados durante as observações:

[...] cubo do trinômio, cubo do binômio, caixa de triângulos construtores, torre rosa, caixa de áspero e liso, telaios, formas metálicas, barras vermelhas e azuis, sinos, entre outros [...]. (Diário de campo - 26/04/2018).

Também foi observada a presença de materiais culturais, que, conforme a professora, tratam-se de materiais que fazem parte do cotidiano e da cultura das crianças, confeccionados por ela, com o auxílio da coordenadora pedagógica:

“São os materiais de ficha, de sombra, de cores; tudo o que são em relação aos materiais Montessorianos, fazemos a variação em papéis ou no concreto também. E tem os materiais da vida prática, que são do cotidiano deles, da vivência deles. Então, são materiais que também são utilizados na sala de aula, que é fundamental porque são materiais que correspondem à realidade deles, né? O transportar de um copo para o outro, o servir um copo transporte com jarra, um alinhavo, pegar o cordão e alinhavar um determinado objeto, o zíper abrir e fechar, abotoar e desabotoar.” (Entrevista com a professora - 14/05/2018).

No Jardim A, os materiais também são organizados por áreas temáticas (estante de matemática, de linguagem, de ciências e mesa de artes); porém, fazem parte do dia a dia das crianças os cadernos de matemática, o recorte e a psicomotricidade. Tais materiais são postos na estante com o intuito de auxiliar as crianças no seu desenvolvimento diário, assim como nas tarefas básicas do cotidiano,

como servir água em um copo, tirar pó com o espanador, dobrar uma camiseta, entre outras atividades que fazem parte do cotidiano de uma casa, ou até mesmo da brincadeira de casinha. Essas tarefas básicas e simples fazem parte desta construção da autonomia da criança, pois são referentes ao cotidiano da maioria das pessoas.

Assim como relato no Diário de Campo:

[...] ao entrar na sala do Maternal I, me deparo com uma das crianças (que dei o nome fictício de Bela) trabalhando com as torres rosas. Fiquei observando de longe para não atrapalhar as suas ações. Então Bela começou a montar a torre rosa da peça menor, tentando colocar a maior, acredito que se deu conta do tamanho das peças. Então separou todos as peças no chão e iniciou a montagem da peça maior até a menor. Quando terminou de montar esse material, o guardou e deixou o seu tapete no chão. Começou a caminhar pelas estantes, até que pegou o material de contação de histórias (dedoches da Chapeuzinho Vermelho). Ao pegar esse material, sentou-se no seu tapete e chamou uma colega para trabalhar (brincar) junto. Contou a história da Chapeuzinho Vermelho [...]. (Diário de Campo, Maternal I - 23/05/2018).

Partindo, também, da ideia de que todas as tarefas são pensadas para o desenvolvimento pleno das crianças, a professora aponta uma das características do professor Montessoriano:

"[...] tem que se reservar e deixar que o aluno perceba a sua dificuldade. E chegar até ele no momento em que ele te pedir ajuda e deixar com que ele descubra como se monta determinado material, e aí, sim, se a professora notar que tá com dificuldades, senta do lado e ajuda." (Entrevista com a professora - 14/05/2018).

Nesse sentido, destaco que um dos princípios que regem o Método Montessoriano é a observação; isto é, o professor deve ser observador, proporcionando a autonomia da criança e priorizando que a criança consiga se desenvolver sozinha, explorando o mundo que a rodeia. Sendo assim, aponto o que Montessori (1965) defende, afirmando que,

Não se poderá ser livre sem ser independente: as manifestações ativas da própria liberdade devem, pois, ser orientadas para a conquista da independência desde a primeira infância, quando se inicia certo desprendimento da própria mãe. (MONTESSORI, 1965, p.51).

Para isso, é importante que o ambiente seja preparado e pensado na criança, a fim de que a autonomia possa ser conquistada e que a criança, aos poucos, não necessite tanto do auxílio do professor quanto necessitava no início de sua escolarização. Assim, acredito que esses três princípios estão interligados: autonomia, ambiente e ação do professor.

Destaco a observação realizada no contexto do Maternal I, em que os princípios acima são evidentes:

A professora sentou com as crianças (enquanto as crianças estavam realizando o trabalho pessoal) e as atendeu, uma de cada vez — estavam individuais nos tapetes. Ela perguntou a uma das crianças que estava trabalhando no tapete com um material formado por formas geométricas coloridas:

Professora: que cor é esta?

Bruno: Azul. Não, é vermelho.

Professora: E que forma é esta?

Bruno: Quadrado! Quadro vermelho prof.^a, quadrado vermelho!

Professora: Que lindo! Muito bem, Bruno! (Diário de Campo, Maternal I - 30/04/2018).

Neste momento, a professora estava sentada com as crianças auxiliando-os no trabalho pessoal. Em nenhum momento Bruno chamou a professora, mas esta foi atendê-lo para auxiliá-lo na utilização do material, uma vez que é papel do professor potencializar o desenvolvimento das crianças, considerando ser uma das funções da Educação Infantil o desenvolvimento pleno e potencializado.

Acredito que a intervenção da professora foi de suma importância para que a criança pudesse compreender o material que estava trabalhando, assim como a iniciativa de elogiar a ação da criança, por menor que seja (no caso específico abordado, acerto da forma geométrica e da sua cor). Também foi importante para esta construção do conhecimento, no entanto as suas intervenções poderiam potencializar significativamente este momento de troca.

No que tange a autonomia da criança e a construção deste espaço da sala de aula, Horn e Gobbato (2015, p.70) afirmam que

Nesse processo interativo, destacam-se dois aspectos importantes para pensar o espaço na Educação Infantil: o acesso autônomo das crianças a esses materiais e as diferentes linguagens que estarão sendo privilegiadas e construídas nas interações com eles. Há, assim, uma mudança de paradigma importante: passa-se da centralidade de atuação do professor a um protagonismo da criança regido por brinquedos, móveis e objetos planejadamente colocados para o seu desafio e para a sua interação. Portanto, a energia do professor concentrar-se-á nessas ações que constituem um fazer que permitirá à criança agir sem o auxílio do adulto, levando em consideração suas necessidades básicas e potencialidades. (HORN; GOBBATO, 2015, p.70).

Horn e Gobbato (2015) afirmam que o professor prepara este espaço para que a criança possa se desenvolver autonomamente. Sendo assim, considero o espaço potencializador do mesmo modo como quando no Jardim A as crianças são convidadas pela professora titular a trabalhar em duplas neste ambiente. Desta forma, são oportunizadas a explorar o ambiente em dupla, sendo possível a troca de saberes.

A partir dos materiais citados abaixo, explicarei como se dá o trabalho com os sólidos geométricos. No contexto descrito, esse material foi aplicado em um trabalho em dupla, em que um dos alunos ficou vendado, pegou um dos sólidos na mão e falou seu nome, enquanto o outro aluno (que não estava com a venda nos olhos) informou o nome correto do material.

[...] a professora falou: “Agora vocês vão escolher um colega para trabalhar em dupla. Deixa eu ver quem está bem lindo para eu escolher... Bruno, pode escolher.” Então Bruno escolheu Amanda e os dois se levantaram da linha. Bruno pegou um tapete, o colocou no chão e Amanda caminhou pelas estantes procurando um material, pegando os sólidos geométricos e colocando o material em cima do tapete. Neste momento, Bruno e Amanda começaram a conversar (com o tom de voz bem baixo):

Bruno: Amanda, coloca a venda (alcançando venda para a amiga).

Bruno ajudou Amanda a colocar a venda e voltou a sentar na frente dela.

Bruno: Amanda, que forma é esta? (alcançando um prisma para Amanda, que estava com os olhos vendados).

Amanda: Prisma!

Consecutivamente Bruno entregou outra forma para que Amanda sentisse. Dessa vez, foi um ovoide.

Bruno: Que forma é esta?

Amanda: É um elipsoide.

Em dúvida Bruno levanta a mão e logo chama a professora.

Bruno: que forma é esta, prof.^a?

Professora: É o ovoide.

Bruno: Tá bom.

Então a professora se afasta e fica observando de longe a dupla trabalhando.

Quando Amanda terminou de falar o nome das formas, Bbruno colocou a venda e Amanda repetiu o mesmo processo com ele. (Diário de campo, Jardim A - 27/04/2018).

Embora o ambiente seja preparado e pensado para que a criança possa se desenvolver a partir de um espaço que proporcione, assegure e contemple um dos princípios Montessorianos, a autonomia, o auxílio da professora no desenvolvimento integral da criança é imprescindível, tendo em vista as contribuições que o adulto tem na construção do ambiente e na escolha dos materiais.

A partir disso, ressalto que a troca de conhecimento oriunda das interações são de suma importância durante este processo, sendo a interação um dos eixos fundamentais do currículo da Educação Infantil. Também destaco que, durante as observações na turma do Jardim A, poucos foram os momentos em que as crianças trabalharam coletivamente, seja no tapete ou na mesa, em duplas ou em grupos.

É possível afirmar que o silêncio era um dos critérios presentes na ação pedagógica da professora, que, em diversas vezes, solicitava-o para a turma, alegando ser imprescindível para que as crianças conseguissem se concentrar no trabalho. Esse silêncio que permeia nas salas de aula faz parte dos princípios Montessorianos, visando que a criança possa se concentrar no material em que manuseia/trabalha.

Na pedagogia Montessoriana, o silêncio é imprescindível durante os momentos do cotidiano da escola. Barbosa afirma que

O professor não pode pensar ou movimentar-se pela criança, mas pode sustentar, favorecer ou conter as ações e as experiências de cada uma no coletivo. Sustentar significa manter o equilíbrio, nutrir, proteger, garantir e fornecer os meios necessários para a realização e continuação de uma atividade, apontar firmemente os limites necessários a cada interação e realização das crianças. Apoiar o que ela pode realizar com seu corpo, promovendo a abertura necessária para a pluralidade de experiências que as crianças podem saborear. Nesse sentido, ao adulto cabe a responsabilidade de comprometer-se com o acompanhamento da criança, sabendo que a

educação para e na autonomia não supõe uma independência gerada pela ausência de atenção e contenção do adulto. (BARBOSA, 2009, p.108).

Nesta perspectiva, destaco a importância do professor em situações que proporcionem às crianças o aprimoramento da sua autonomia, e que, a partir das DCNEI (2009),

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, p.18).

Assim, a interação como um dos eixos da Educação Infantil, infelizmente, não se mostrou tão efetiva durante as observações do Jardim A, já que, de acordo com os princípios da Escola Girassol, se fundamentam no trabalho individualizado. Entretanto, no contexto do grupo no Maternal I, foi possível observar a interação da criança em sua rotina, visto que em todo o momento do trabalho pessoal eles conversavam baixinho entre si e a professora não intervinha solicitando que os alunos ficassem em silêncio.

“O método prioriza a individualidade e o ritmo de cada aluno, sem falar no ambiente, que deve ser preparado e organizado para recebê-los. É fundamental que o professor conheça os princípios do método, que quando for preparar o ambiente para receber seu aluno, revise os materiais, pense qual a importância do mesmo para estar na sala de aula. Deixar que a criança tenha autonomia para escolher o material que deseja trabalhar, explorar. Por isso, os princípios que eu acredito são priorizar o ritmo de cada aluno, preparação do ambiente, autonomia da criança.”
(Entrevista com a professora - 14/05/2018).

Sendo assim, destaco que priorizar o ritmo das crianças, assim como a professora relata na entrevista, é imprescindível para o desenvolvimento potencializador e pleno que o educador deve proporcionar à criança. Durante o estudo, observei que as crianças realizam todos os dias, no início da aula, o trabalho pessoal com o material que desejar, sendo recebida em um ambiente pensado para ela.

A professora, durante a observação, manteve uma postura calma e silenciosa e a sua sala de aula estavam com estantes organizadas e com materiais completos,

sendo estes materiais: potes de diferentes tamanhos, material com areia da praia, livros infantis e dedoches, material com pegador de salada, entre outros.

É possível afirmar que a diversidade de materiais organizados pela professora, a partir da proposta Montessoriana, está de acordo com o que é pautado nas DCNEI (2009):

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009, p.19).

A coordenadora ressalta os princípios que acredita ser imprescindíveis na Educação Infantil interligada com o Método Montessoriano:

“[...] primeiro um ambiente organizado, um ambiente preparado, que é o princípio do método. Respeito ao ritmo de cada criança e a formação do professor.” (Entrevista com a coordenadora - 14/05/2018).

A rotina é significativa para a criança, principalmente na Educação Infantil, dado que é a fase inicial de escolarização da criança e o seu primeiro contato com a Escola e com o mundo social. Ao questionar a coordenadora sobre as práticas Montessorianas imprescindíveis na rotina da Educação Infantil, ela respondeu:

“Eu acho que a organização é fundamental. Rotina para a criança é estruturante e organizador. No método e dentro da nossa escola, se respeita muito a rotina, então ele chega e sabe que naquele primeiro momento que a gente chama de trabalho pessoal ele vai ter 1 hora e 15 minutos para se organizar, organizar o material, selecionar o material que ele quer, saber se é da estante de linguagem, se é da estante de ciências, se é da estante de matemática, saber que naquele momento qual a necessidade e vontade de trabalhar.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

No estudo realizado, foi possível observar como a organização da rotina é fundamental na construção do ambiente e da ação do professor, visto que a rotina foi um dos princípios ressaltados pela coordenadora. A partir disso, saliento que durante as observações, a rotina se mostrou muito presente e fixa nas turmas observadas. Em um primeiro momento, as crianças tinham a oportunidade de realizar o trabalho

peçoal. Em seguida, realizavam a higiene, se direcionavam para o recreio, após o recreio realizavam novamente a higiene e se direcionavam para o lanche, realizavam atividade na linha e trabalho pessoal ou em grupo novamente, como expresso no diário de campo da 4ª observação (Jardim A):

A rotina do dia não é informada para as crianças, ela é simplesmente vivida cotidianamente, estabelecida sem a participação direta dos alunos. Por exemplo: hoje o recreio será antes da aula de inglês. Em nenhum momento a professora questiona aos alunos sobre o que eles gostariam de fazer naquele dia. (Diário de campo - 30/04/2018).

Do mesmo modo que o ambiente Montessoriano tem características próprias, que são pensadas para que as crianças possam se sentir parte do ambiente, Montessori (1965) ressalta a importância de um ambiente claro, que possua iluminação, quadros de pintura que lembrem a maternidade, assim como propôs na Casa Dei Bambini, onde realizou a sua pesquisa sobre o método. Maria Montessori afirma que a “Madonna della Seggiola”, idealizada por Rafael Sanzio, não é somente bela e doce, com o seu menino adorável; constitui também o símbolo perfeito da maternidade viva e real. (Montessori, 1965, p.43).

Essa preocupação com a presença da arte no ambiente da escola também foi observado no contexto da Escola Girassol:

Ao caminhar pelos corredores da instituição, foi possível encontrar obras de arte nas paredes, que continham imagens de mulheres com seu filho e quadros que continham pinturas que representavam um criança maior com vaso de flores em suas mãos. (Diário de campo - 26/04/2018).

Sendo assim, é possível compreender que o ambiente da Escola Girassol foi pensado e arquitetado a partir das teorias preconizadas por Montessori. A coordenadora expõe sobre os espaços da escola em sua entrevista:

“Então, foi baseado no Método Montessori. A diretora da Escola foi em um congresso e se encantou muito com o método e começou a montar toda a estrutura da escola. A nossa escola é diferente porque ela não foi uma casa adaptada ao

método, ela foi um prédio construído pensando nesses princípios. Então a sala tem essa transparência de ter contato direto com a rua, contato com a claridade natural e não com luz artificial o tempo todo; contato com a natureza; os móveis serem proporcionais e adequados aos alunos, as estantes; tudo isso sempre sendo muito pensado e projetado para a criança.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

Em relação às obras de arte que constituem o ambiente da escola, espalhadas por todas as paredes e espaços da escola, a coordenadora afirma que

“Não é só a questão do método, a diretora da escola tem uma relação muito próxima com a arte. Então sempre que formos montar um ambiente na escola, ela pensa que deve ser como a extensão da casa deles, tem que ser confortável, tem que ser bom, tem que ter qualidade, não ter excesso e principalmente tem que ter cultura.” (Entrevista com a coordenadora - 26/05/2018).

Ainda em relação ao ambiente, a professora destaca:

“O ambiente de cor clara.”, salientando em sua fala a importância do material em sala de aula. “[...] O ambiente é fundamental, influência na cor, ele não pode ter muitas informações, ele não pode ter muitas informações na parede porque o objetivo é o material. Onde estiver este ambiente de cor clara e liso, as crianças vão focar no material e não no que tem ao redor.” (Entrevista com a professora - 14/05/2018).

O diário de campo também revela minhas observações sobre o ambiente da escola:

Todas as salas de aula possuem paredes brancas, ambiente iluminado, com lâmpadas brancas e janelas e divisórias (entre uma sala e outra) de vidro transparente. O chão das salas referências é laminado, dispendo de um espaço sofisticado e cuidadosamente arquitetado. Em todos os banheiros (os que que foi possível conhecer), há espelhos da altura das crianças. Os trabalhos dos alunos são guardados em envelopes, não há nada nas paredes além de quadros de

pintura, quadro branco e números de lixa. Nas janelas grandes que há na salas, é possível ver um jardim cuidado, com a grama cortada e com flores e após esse jardim, a rua onde os carros e as pessoas passam. (Diário de campo - 26/04/2018).

Considerando os princípios Montessorianos, percebe-se que os espaços da Escola Girassol foram muito bem planejados. Não obstante, entra a importância dos materiais Montessorianos nesse ambiente e espaço, pensados na e para a criança, entendendo também que Montessori foi até mesmo inspiração para a proposta italiana da região de Reggio Emilia, na Itália, que atualmente é considerada referência no que se refere à concepção de propostas de espaço e ambiente na Educação Infantil de diversos países. A coordenadora destaca que na Escola Girassol os espaços da são pensados, inicialmente, pela direção e pela coordenação da escola e, em seguida, a criança auxilia na modificação deste espaço.

"[...] A gente compõe e vai renovando a cada 30 dias (os materiais em sala de aula). Nenhuma modificação do ambiente é feita sem a criança. Se a gente for trocar os móveis de lugar, os tapetes [...], sempre iremos contar com a colaboração do aluno. E toda a vez que se coloca materiais novos é procurado acrescentar. Só se tira o que a criança já explorou e que já é desnecessário e supérfluo na sala, para que eles tenham realmente uma segurança do que que eles vão desenvolver naquelas 4 horas de aula." (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

Entretanto, questiono à coordenadora sobre a colaboração da criança nos pontos citados por ela, pois em nenhum dos momentos de observação foi possível perceber esta contribuição das crianças, somente os materiais que as crianças não estavam mais trabalhando diariamente eram retirados das estantes e substituídos. Nesse sentido, a coordenadora afirma que:

"Na maneira que eles colocam, se gostam de trabalhar em grupo e em pequenos grupos, na organização dos tapetes, no espaço dos materiais de vida prática. Por exemplo, os materiais de vida prática nas estantes reproduzem situações do dia a dia; então desde os pequenininhos a gente coloca potes de rosca para abrir e fechar a rosca, potes com tampas de diferentes tamanhos, para que eles já possam manusear depois em suas lancheiras. Se vão ao clube, se vão em algum outro

lugar, tenham essa autonomia que é dos alicerces, princípios Montessorianos, que é a autonomia.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

Por fim, ressalto a colocação da coordenadora sobre a ação do professor Montessoriano:

“[...] essa professora Montessoriana, primeiro ela deve ler e se renovar e pesquisar diariamente, porque ela precisa ser tranquila, normalizada e acima de tudo feliz diante da sua prática pedagógica, porque o trabalho do professor Montessoriano é um trabalho silencioso, tranquilo, pra que ele permita que as crianças desabrochem. Então não pode ser um professor ansioso, um professor que “atropela”. Tem que ser um professor que respeita muito o ritmo de cada aluno e vai percebendo as suas necessidades para ir “alimentando” dentro da sala de aula.” (Entrevista com a coordenadora - 16/05/2018).

Em contraponto, é necessário ressaltar o que Barbosa (2009) defende sobre a ação do professor atualmente,

Planejar é estudar e organizar situações de aprendizagem para as crianças. Se o professor tem boa formação e é investigativo, ele não precisa dominar todos os conhecimentos que podem se fazer presentes 36 no grupo, ele faz sua formação continuamente junto com as crianças e em momentos de pesquisa e reflexão com seus colegas. A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às crianças construir ações sobre objetos e formas de pensamento. Numa nova perspectiva, compreende-se o papel do professor como o de um orientador da busca do conhecimento, principalmente quando ela surge como necessidade para desenvolver o projeto do grupo e as necessidades e desejos individuais das crianças. Não há necessidade de material didático pronto para o professor aplicar e nem de cartilhas ou livros didáticos para as crianças. Mas há relevância na criação de espaços de participação onde as crianças coloquem seus conhecimentos em jogo, permitindo confronto de ideias e opiniões, formas diferenciadas de resolução de problemas e questões, assim como a proposição de novos desafios, que ensinarão às crianças a se apropriarem da cultura e a desenvolverem seu pensamento. (BARBOSA, 2009, p.36 e 37).

Considero, a partir das questões expostas, a importância do professor em formar um ser pensante e realizar propostas que contemplem os conhecimentos prévios das crianças e também os seus interesses. Sendo um professor que se prontifique a construir esse conhecimento com as crianças, dando-lhes a oportunidade de fazer parte desta construção, visto que o sujeito principal é a criança.

Por fim, destaco que a brincadeira, um dos eixos constituidores do currículo da Educação Infantil, não foi observado no cotidiano da Escola Girassol. O brincar e a possibilidade de utilizar brinquedos só ocorreu durante os momentos de recreio. Em outros momentos da sala de aula, foi proposto o “trabalhar”.

Nesse sentido, considerando o brincar como um dos eixos que norteiam a Educação Infantil, destaco o que Barbosa(2009) afirma sobre a ludicidade e o brincar,

O respeito incondicional ao brincar e à brincadeira é uma das mais importantes funções da educação infantil, não somente por ser no tempo da infância que essa prática social se apresenta com maior intensidade mas, justamente, por ser ela a experiência inaugural de sentir o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens através do exercício lúdico da liberdade de expressão. Assim, não se trata apenas de um domínio da criança, mas de uma expressão cultural que especifica o humano. (BARBOSA, 2009, p.70).

Embora a brincadeira e as interações sejam eixos constituidores do currículo propostos em um documento mandatório, como as DCNEI (2009), não foram práticas recorrentes no contexto da Escola Girassol, ocorrendo apenas nos momentos de “escape”, ou seja, quando não havia um direcionamento de trabalho pelo professor. É possível afirmar, então, que embora essa escola siga uma proposta com princípios claros articulados à pedagogia Montessoriana, deveria também, reconhecer a brincadeira como um elemento constituinte da cultura infantil.

Não é possível negar as implicações pedagógicas que os princípios Montessorianos têm na organização da proposta e na ação pedagógica do professor, assim como não é possível negar a dimensão da brincadeira como constituidora da criança como sujeito. Será possível reconhecer e articular a brincadeira e as interações dentro de uma escola com princípios Montessorianos?

Na perspectiva das crianças, foi possível observar que obtinham uma postura diferente quando estavam dentro da sala de aula com as professoras. Demonstavam-se calmas e silenciosas e, em alguns momentos, até tentavam iniciar alguma conversa, mas logo a professora referêcia solicitava silêncio. Se alguma criança corria na sala de aula ou fazia algo mais depressa, prontamente algumas das professoras falavam: “não corre, não precisa correr” ou “vai com calma, a prof.^a espera”.

Quando estavam trabalhando nos materiais, demonstravam concentração, às vezes viravam para trás ou para o lado e brincavam com o colega próximo. Mas, se a professora olhava, já sentavam na postura correta rapidamente. Algumas crianças

ainda riam como se a professora não estivesse vendo. Quando a professora os elogiava, ficavam muito felizes, e aqueles que não estavam sentados corretamente, ou estavam conversando, sentavam-se rapidamente e também ficavam em silêncio. Quando as crianças iam embora, saiam contando o que aprenderam na aula ou pegavam a mochila e já saiam correndo para brincar no pátio.

Finalizando, assim como a coordenadora relatou, realmente as crianças hoje em dia estão inseridas nessa rotina corrida dos adultos, mas, ao estarem imersos em uma escola Montessoriana, acabam tendo que se adequar a um ritmo mais calmo e normalizador.

Por fim, acredito que além de todas as contribuições que Montessori fez até hoje para a Educação Infantil (e para a Educação como um todo) é imprescindível ressaltar as contribuições que se referem a esse ambiente qualificado, que visa potencializar a criança e cooperar para o desenvolvimento pleno, visto que o ambiente também é um espaço educador e nunca é um espaço neutro.

No que perpassa aos materiais pedagógicos, acredito que Montessori contribuiu fortemente para a educação sensorial, e também o para o ensino de matemática, com o foco de objeto-pessoa-folha e demais colaborações para a exploração dos materiais e do ambiente. Esse ambiente em que o professor é inserido como observador ou até mesmo como um mestre (1965) científico.

Contudo, dado o tempo histórico e complexo em que vivemos, reconhecendo os inúmeros estudos sobre a Infância e a Educação Infantil na contemporaneidade, considero importante “redimensionar” os princípios Montessorianos a partir das crianças do nosso tempo e dos documentos legais e normativos indutores de uma prática qualificada para as crianças da Educação Infantil. Bem como afirma Rinaldi (2017), é preciso (re)construir novas perspectivas a partir das teorias já consolidadas para a educação das crianças pequenas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, destaco, primeiramente, as dificuldades que enfrentei ao conseguir uma escola Montessoriana que aceitasse a realização da investigação, tendo como pressuposto, por se tratar de instituições privadas, a necessidade de cuidar a exposição, sendo mais cautelosos nesse sentido. Por isso, de cinco escolas Montessorianas que entrei em contato para a realização da pesquisa, somente uma me atendeu, a mesma que me deu o retorno, abrindo suas portas para que a pesquisa pudesse ser efetivada. As demais se mantiveram em silêncio total.

Destaco que essa pesquisa contribuiu para a minha formação como Pedagoga e também para os estudos que se referem à metodologia Montessoriana, pois acredito que, após esse estudo, pude compreender as contribuições Montessorianas para a Educação, em especial para a Educação Infantil, percebendo suas proposições sobre a construção do espaço e do ambiente centrado na criança.

Tendo em nota o objetivo principal da pesquisa, analisei as contribuições dos princípios pedagógicos na Escola Girassol, a partir da metodologia Montessoriana. Ressalto, também, o desafio de desenvolver pela primeira vez pesquisa, destacando a construção de um olhar atento e crítico sobre uma metodologia que foi pouco abordada e estudada no Curso de Pedagogia.

Dos eixos que me propus a analisar nesse estudo, inicialmente abordei o ambiente e o espaço. A partir das observações e entrevistas, considero que, em relação aos princípios que se referem à metodologia Montessoriana, os espaços e ambientes da escola Girassol se destacam, tendo em vista que foram arquitetados e pensados a partir dos princípios Montessorianos e para o conforto das crianças, possuindo móveis ao alcance destas, banheiros adaptados (vasos pequenos, pias baixas), mesas e cadeiras baixas, obras de arte nas salas de aula e nos corredores da escola, ambiente claro e bem iluminado, priorizando a visibilidade em todos os espaços da escola, exceto nos banheiros, bem como a possibilidade de contato com a natureza, por meio de jardins com flores e árvores.

Em relação aos materiais, é possível afirmar que há uma diversidade de materiais Montessorianos nas salas de referência observadas, mas que também há materiais culturais pertencentes ao cotidiano dos alunos fora da escola, como

utensílios de cozinha, livros infantis e até mesmo brinquedos, como bichos de borracha, banheira com boneca, os três porquinhos.

Todos os materiais dispostos nas estantes estavam limpos, organizados, completos, e escolhidos pelas professoras a partir das faixas etárias trabalhadas. Destaco que a Escola Girassol possui uma sala exclusiva para uma melhor organização e controle dos materiais Montessorianos, organizada por nível de ensino. Essa sala é cuidada por duas professoras de matemática, que também lecionam na escola, porém para os alunos da área. Neste sentido, a escola prioriza que sua proposta educativa seja planejada a partir da diversidade de materiais Montessorianos disponíveis para professores e crianças.

Em relação aos princípios referentes à ação pedagógica, é possível destacar que as práticas pedagógicas propostas pelas professoras observadas se mostraram condizentes no que concerne aos princípios Montessorianos, organizando uma rotina de trabalho com as crianças, em que priorizavam o trabalho individual e silencioso, propostas com os materiais, em que atuavam somente quando solicitadas, demonstrando-se calmas, silenciosas e atentas às crianças.

Também destaco que em determinados momentos foi possível apreender que a brincadeira e interação das crianças não poderiam estar presentes nos momentos de aula, pois o tempo das crianças na Escola Girassol é considerado momento de trabalhar/estudar, e por este motivo o silêncio e a concentração nas atividades escolhidas deveriam ser priorizados.

Neste sentido, destaco que os princípios Montessorianos na Escola Girassol são evidenciados no momento em que a professora organiza o ambiente e escolhe os materiais a partir das necessidades de suas crianças, tendo como pressuposto organizar e selecionar materiais que auxiliem no desenvolvimento e na autonomia destas.

Portanto, concluo este trabalho com uma grande inquietação, no que tange às DCNEI (2009), que apresenta como eixo central do currículo para as crianças pequenas as brincadeiras e a interação, sendo uma prática não observada no planejamento da ação docente das turmas observadas.

Nesse sentido, é possível problematizar o contexto atual das crianças: “Como não reconhecer a possibilidade da escola ser um local de interação e brincadeira entre as crianças?”

Acredito que as crianças frequentam a instituição de Educação Infantil para socializar e brincar, e muitas não possuem contato com outras crianças fora desse ambiente; sendo assim, o tempo vivido na escola é precioso para a troca de experiências.

Considero que, de acordo como os estudos realizados sobre a educação infantil, a interação e a brincadeira são fundamentais para o desenvolvimento pleno das crianças. Assim, acredito que alguns dos princípios Montessorianos podem ser redimensionados a partir de um novo olhar com a intenção de reconhecer as crianças como sujeitos sociais da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ANGOTTI, Maristela. **O trabalho docente na pré-escola: revisitando teorias, descortinando práticas**. São Paulo: Pioneira, 1994.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil**. Brasília: [s.n], 2009.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BONDIOLI, Anna. **O tempo no Cotidiano Infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. 2.ed. São Paulo: África, 2012. p.248
- FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2015.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução: Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.229–280
- HORN, Maria da Graça Souza; GOBBATO, Carolina. **Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas**. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2015. P.69-100
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HOYUELOS, Alfredo. **Os tempos da infância**. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2015. P.39-56
- MONTESSORI, Maria. **A criança**. Tradução: Luiz Horácio da Mata. São Paulo: Nórdica, [s.a].

_____. **Pedagogia científica**: a descoberta da nova criança. Tradução: Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965.

MOREIRA, Ana Rosa Picanço; SOUZA, Tatiana Noronha de. Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.l.] v.20, n.2, p.229–237, 2016.

MORAES, Magali Saquete Lima. **Escola Montessori**: um espaço de conquistas e redescobertas. [S.l.:s.n], 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RODRIGUES, Ana Cristina da Silva. **Pesquisa**: o aluno da educação infantil e dos anos iniciais. Curitiba: InterSaberes, 2013.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 5.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SILVA, Adriana Aparecida Rodrigues da et al. **A participação das crianças na roda de conversa**: possibilidades e limites da ação educativa e pedagógica na educação infantil. [S.l.:s.n], 2015.

_____. **Ministério da Educação e do Desporto**. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

VÍCTORIA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO A – Imagens dos materiais

Anexo A

Telaios:



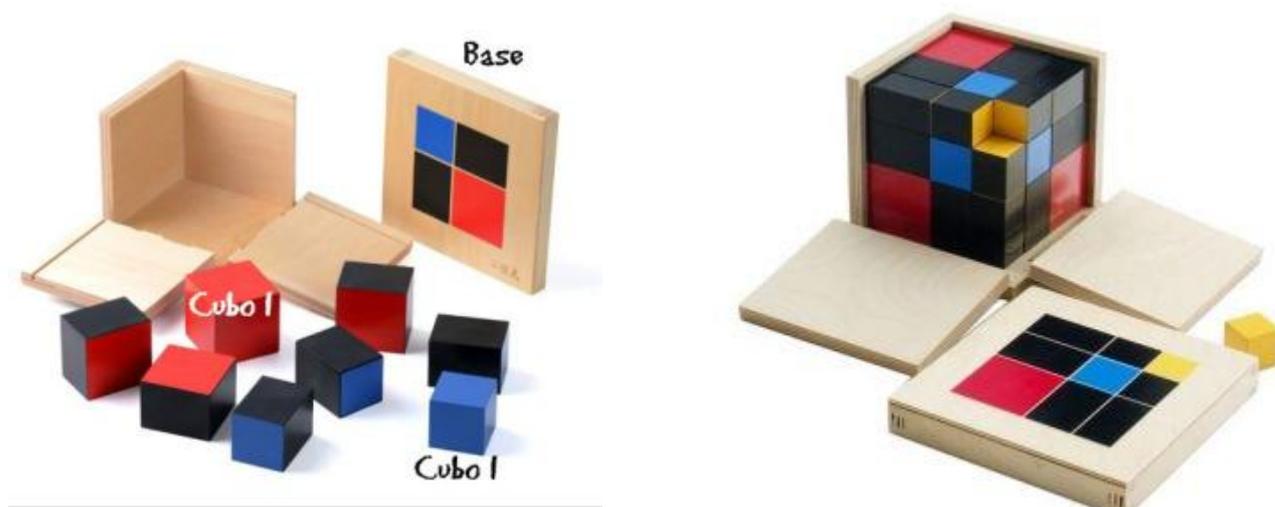
Fonte: <http://www.montessoricampinas.com.br/atividades-montessori/vida-pratica-telaios/>

Caixa de cores:



Fonte: <https://www.clubmontessori.com.br/single-post/2018/01/09/TERCEIRA-CAIXA-DE-CORES>

Cubos do binômio e do trinômio



Fonte: <https://educadorcriativo.wordpress.com/2017/01/13/materiais-montessorianos-binomios-e-trinomios/>

Fusos



Fonte: <http://www.montessoricampinas.com.br/atividades-montessori/atividade-fusos/>

Sólidos geométricos:



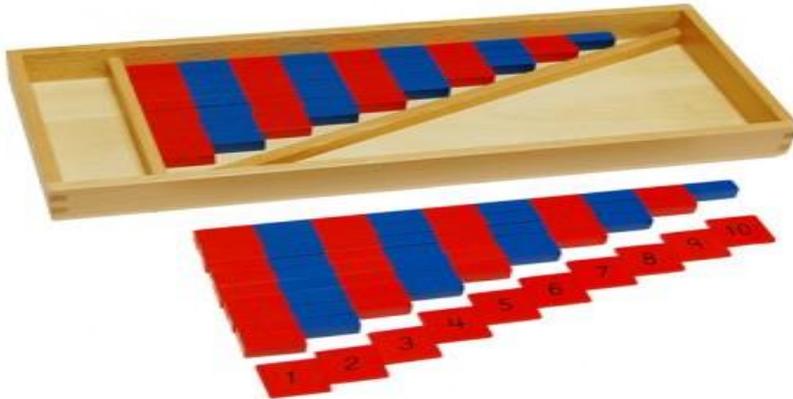
Fonte: <http://www.creciendoconmontessori.com/2012/12/solidos-geometricos-montessori-tarjetas.html>

Barras vermelhas



Fonte: <https://www.clubmontessori.com.br/single-post/2018/03/15/BARRAS-VERMELHAS-E-A-LICAO-QUE-NAO-FOI-DADA>

Barras vermelhas e azuis



Fonte: <http://www.montessoriemporium.com.br/materiais-montessori/matematica/barras-vermelhas-e-azuis-pequenas>

Quebra- cabeça de ciências



Fonte: <http://www.montessoriemporium.com.br/materiais-montessori/ciencias-naturais/estante-de-quebra-cabeca-de-animais>

Campainhas



Fonte: <https://sylviedesclaibes.com/2013/09/11/developper-le-sens-auditif/>

Torre rosa



Fonte: <https://articulo.mercadolibre.com.ar/MLA-702487488-torre-rosa-montessori-material-didactico- JM>

Números e letras em lixa



Fonte: <https://www.clubmontessori.com.br/single-post/2018/03/05/NUMEROS-DE-LIXA>



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/296745062920693659/?lp=true>

Áspero e liso



Fonte: <http://www.montessoriemporium.com.br/materiais-montessori/sensorial>

